

Em diversos pontos do país

# Manifestações populares saúdam Acordo Geral de Paz

• Nampula, Beira e Xai-Xai festejaram de forma inequívoca o acontecimento

Uma manifestação popular a ter lugar esta manhã, na cidade de Nampula, vai exaltar o sentimento dos residentes locais pela assinatura do Acordo Geral de Paz rubricado domingo último na capital italiana, Roma, pelo Presidente da República, Joaquim Chissano, e pelo líder da Renamo, Afonso Dhlakama, que põe termo a 15 anos de guerra fratricida no país. Entretanto, cidadãos contactados nas cidades da Beira e de Xai-Xai mostraram-se satisfeitos com a conclusão do acordo, sustentando que a sua assinatura vai ao encontro das aspirações populares de ver a guerra terminada em Moçambique. Particularmente em Xai-Xai, a maioria dos deslocados de guerra ali acomodados em consequência do conflito armado irromperam pelas ruas daquela pequena urbe, de forma espontânea, cantando e dançando de forma ímpar, em saudação a esta ocorrência que lhes abre largas possibilidades de poderem retornar aos seus locais de origem.

A satisfação popular pela conclusão e consequente assinatura do Acordo Geral de Paz foi clara e evidente, com manifestações de natureza diversa, todas apontadas para a alegria ímpar que significa o fim da guerra em todo o território nacional.

Da cidade de Nampula chegam-nos informações de que a actividade laboral naquele centro urbano teria começado relativamente tarde, uma vez que se registavam concentrações em diversos locais, com os populares a comentarem de forma variada a forma como foram alcançados os acordos finais para a paz, depois de 15 longos anos de sofrimento.

Na cidade da Beira famílias residentes no bairro da Manga organizaram espontaneamente convívios e festejaram o acontecimento de forma modesta porque, segundo nos disseram, "tudo o que tínhamos preparado acabamos por consumir depois destes adiamentos consecutivos, pois já começávamos a duvidar da realização da cerimónia.

João Zamisse, director do Departamento de Prevenção e Combate às Calamidades Naturais em Gaza, disse que o seu sentimento é de que a materialização da assinatura dos acordos de paz já era um desejo de todos os moçambicanos: **Sinto-me feliz por finalmente se ter chegado a um entendimento, pois o acordo representa, logo à partida, um desejo de desenvolvimento de toda a actividade sócio-económica numa situação de paz.** — destacou.

Por seu turno, Paulo Uamusse, agricultor, deslocado de Mandlakazi precisou que foi com grande alegria que recebeu esta informação que é, sem dúvida, a melhor prenda do Natal (embora ainda muito distante) que o nosso incansável presidente nos ofereceu. Pessoalmente julgo que todos nós devemos valorizar todo o esforço dispendido na busca da paz, cultivando em cada lugar e momento o espírito de reconciliação. Penso que isto não vai ser difícil, dada a generosidade que caracteriza o nosso povo.

Rachid Chitará, dirigente desportivo, opinou que não deverá existir mais perda de tempo devendo, cada um de nós, dedicar todo o seu esforço na batalha de reconstrução nacional. **Lancemos-nos desde já na procura de iniciativas viradas à busca de solidariedade interna, pois é bem sabido que milhares e milhares de pessoas dentro e fora do país ficaram despojadas de todos os seus haveres, o que significa que logo que começar o processo de reafixação, teremos que estar em condições de dar uma mão** — frisou.

## BEIRA

Que o acordo assinado seja para durar e que os seus protagonistas tenham, a partir de agora, mais sensibilidade para que o mesmo não seja válido apenas no papel, mas na nossa vida, no quotidiano. Isto, por um lado, poderá permitir que os

moçambicanos aprendam a consolidar a paz. Por outro, a aplicação na prática da assinatura de cessar-fogo poderá levar o nosso país, com o tempo, ao progresso desejado, a um futuro economicamente próspero, sobretudo através de desenvolvimento, a curto, médio ou longo prazos, das nossas grandes riquezas — esta a síntese das opiniões auscultadas pela nossa Reportagem na Beira sobre o acordo rubricado, no domingo, dia 4, em Roma, perante o testemunho do Mundo.

Silvério Sitoi, pintor: "Finalmente chegou-se a um consenso de se pôr termo à guerra mas, na minha opinião, esse acordo pode não ter um carácter duradouro. Não encarei a assinatura com demasiado optimismo porque não estou seguro da sua aplicação efectiva. Por outro lado, ainda não há confiança entre as partes envolvidas, entre a família moçambicana. As feridas em nós não se curam tão depressa assim".

Ana Francisco, funcionária do Instituto Nacional de Hidrografia e Navegação (Beira) — "Espero que tudo corra conforme os documentos assinados para que tenhamos, de facto, sossego. Também espero que esse acto não marque apenas o reencontro entre as partes envolvidas mas, acima de tudo, ele seja imprescindível tanto para o Governo como para a própria Renamo. Se o acordo falhar, falhará a paz. Tem de haver sensibilidade sobre aquilo que ambos assinaram. A paz virá quando os moçambicanos virem a tranquilidade e as suas vidas melhorarem".

Arlindo Miguel Faustino, engenheiro electro-técnico do INAHINA — "É chegado o momento de construir a paz. Entretanto, é preciso que não nos esqueçamos que não bastam abraços, sorrisos e palavras. Escrever que já não há guerra não basta. Estou ciente que haverá mais e muitos problemas. Julgo que tem de se tomar medidas eficazes para o desenvolvimento sócio-económico do país no seu todo. Como forma mais justa e correcta para se travar que a emoção de certas pessoas não se transforme em vandalismo, em criminalidade e anarquia. Será necessário mais uma guerra, diferente, certamente, mais dura e difícil. Há muita miséria e muito analfabetismo, há muita frustração e violência escondidas".

João José, funcionário dos CFM-Centro: "Não sinto grande emoção sobre a assinatura do acordo de cessar-fogo. Esta situação deve-se ao facto da incerteza que se viveu para a assinatura do acordo. Fiquei na incerteza quanto à aplicação efectiva do que vem expresso nos documentos rubricados por ambas as partes. Duvido muito que tenhamos uma paz duradoura, depois desta guerra que vitimou milhares de moçambicanos. Os moçambicanos devem agora ser juizes implacáveis sobre o que vier".

Rosário Manuel, estudante da "Samora Machel": "Julgo que o acordo talvez tivesse sido vivamente saudado se ele fosse assinado no dia marcado — 1 de Outubro. Aliás, esse dia era aguardado com muita expectativa, não só por minha parte, como estou certo por muitas outras pessoas de todo o país. Mas, devido aos adiamentos sucessivos há uma sensação de insegurança que nos leva a ficar decepcionados e na dúvida quanto à sinceridade da aplicação do mesmo. De resto, há muitos acordos por este mundo fora que ficaram só no papel. Devemos estar atentos".

Madeira Sebastião, jornalista do "DM": "Que a paz tenha uma aplicação efectiva, julgo ser esse o desejo de todos. Por outro lado, para que esse acordo funcione é preciso que haja sensibilidade em ambas as partes envolvidas. Espero que consigamos, com sacrifício, levar avante o caminho agora iniciado para que tenhamos um crescimento próspero e que atinjamos o desenvolvimento sócio-económico desejado.